

Santa Muerte



# ATÉ QUE A MORTE OS SEPRE

NO BAIRRO MAIS BARRA-PESADA DA CIDADE DO MÉXICO, UMA ROMARIA PÕE DE JOELHOS ASSASSINOS, TRAFICANTES E VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA DIANTE DE UMA FIGURA MEDONHA E CADA VEZ MAIS POPULAR NO PAÍS: LA SANTA MUERTE – A DEIDADE PARA QUEM NÃO HÁ PEDIDO PROIBIDO NEM DEVOTO CONDENÁVEL

POR — FELLIPE ABREU E JULIANE MASSAOKA

FOTO: AFP



**É** quinta-feira das quentes no bairro de Tepito, o mais perigoso da Cidade do México.

— *Y que pasó? Que hicieron cuando te miraron?*

— *Pues no sé, no tuvieron tiempo de pensar. Entré disparando en los hijos de puta.*

— *Putá madre... Y cuantos mataste?*

Um? Cinco? Dez? Não dá para ouvir. Com toda a calma, os dois sujeitos mal-encarados somem na multidão que toma a Rua Alfarería, onde uma procissão ruma para uma casinha-santuário que hospeda o mais sagrado altar da Santa Morte, crença com status de grupo religioso e estimados 10 milhões de seguidores em todo o México.

**NÃO É DE ADMIRAR** que gente dessa laia engrosse o mar de devotos por aqui. Homicidas, traficantes, sequestradores, assaltantes e toda sorte de criminosos figuram entre os mais fervorosos adeptos da seita, simbo-

zada por um esqueleto bem diferente dos que enfeitam o *Día de Los Muertos*, em 2 de novembro. E para isso há uma explicação que vai além de um pedido de perdão por má conduta.

## À SANTA CHEGA UMA ENXURRADA DE SOLICITAÇÕES ABJETAS. O MATADOR PEDE PONTARIA...

Enquanto as demandas aos tradicionais santos do catolicismo – religião da maioria dos que creem em La Santa – têm, por princípio, um objetivo louvável, como arrumar um empre-

go com carteira assinada, à figura mortuária chega uma enxurrada de solicitações abjetas. Entre, registra-se, tantas súplicas para o bem, o homem traído pede a morte da adúltera; o traficante, que a encomenda de cocaína atravesse a fronteira; o matador, a melhor das pontarias... Vale tudo.

“O México é marcado pelo sincretismo religioso. Deus tem a supremacia e é comum recorrer aos santos consagrados, mas é a Santa Morte quem atende aos pedidos mais íntimos, aqueles que só dividimos com os melhores amigos”, diz Alfonso Hernández, diretor do Centro de Estudos de Tepito.

A Magrelinha, Criança Branca ou Santíssima – são muitos os apelidos – é guardiã dos mais vis e desvalidos pecadores. Num país cuja metade da população vive abaixo da linha da pobreza e no qual a guerra do tráfico enfileira cadáveres à luz do dia, essa intrigante divindade cumpre dupla

função, zelando pelos bons e maus, de maneira indiscriminada.

E é especialmente nas zonas mais violentas e carentes que a fé nela se populariza. Somente na capital mexicana existem mais de 300 altares públicos dedicados à Santíssima. Públicos. Os erguidos dentro de espaços particulares são inumeráveis. Na última década, as facções criminosas mexicanas passaram a adotar práticas paramilitares e de violência extrema, como torturas, decapitações e chacinas. “Numa sociedade em que a morte e a violência são banalizadas, é compreensível que novas crenças e costumes caiam no gosto popular. O culto à Santa Morte é perfeito para o momento pelo qual o México está passando”, avalia a professora de ciências políticas Guadalupe Correa-Cabrera, diretora do Departamento de Governo da Universidade do Texas, nos Estados Unidos.

**SÃO APROXIMADAMENTE** 4 da tarde quando pegamos um táxi no Zócalo, cartão-postal da cidade. O simpático motorista nos informa que estamos a apenas 3 quilômetros do Bairro Bravo, como Tepito é chamado pelos locais. Antes de embarcamos, fomos alertados sobre a escalada da violência na região, palco constante de disputa de poder entre traficantes.

A minutos do nosso destino – Calle Alfarería, número 12 –, porém, o taxista é obrigado a encerrar a corrida. À frente se impõe o colossal camelódromo de Tepito, incluído pela Casa Branca na lista dos principais centros de pirataria e falsificação do mundo. As ruas próximas ao santuário estão apinhadas de fiéis, e um sem-número de barraquinhas oferece um arsenal de produtos com finalidade religiosa. Todo dia primeiro a cena se repete, bem como em 31 de outubro, aniversário da Santa Morte. À venda estão velas, cigarros, incensos,



Marcas de uma adoração que só cresce: fiéis concentrados durante a sessão de preces, e uma das tantas tatuagens em reverência à Santíssima



flores, bebidas, roupas, pingentes, pulseiras, escapulários – artigos para lhe ser oferecidos em troca, é claro, de uma ajudinha sobrenatural.

Como a praxe é que cada fiel carregue sua própria Santa, a oferta de imagens é ampla. Vemos Flaquitas (magrelinhas, em espanhol) com e sem chapéu; com vestidos coloridos e monocromáticos; cheias de penduricalhos e sem nada a adorná-las. A mais comum talvez seja a mais medonha: um esqueleto envergando longas vestes escuras e com um alfanje na mão direita.

O comércio acaba na rua do altar principal. Nela, o espaço é exclusivamente dos devotos.

**NA CALLE ALFARERÍA**, domésticas, travestis, prostitutas, famílias com crianças de colo, jovens comerciantes, aposentados de cabelos brancos – enfim, todo tipo de gente – afluem numa corrente de fé e esperança. Sob o calor de 32 graus, por todo lado há

pessoas ajoelhadas no concreto fumegante, rezando aos olhos da caveira supostamente milagrosa.

A cada pouco, o caos sonoro ganha ordem com o irromper de um grito de guerra em deferência à deidade: “*Chiquitibum a la bim bom ba / a la bio a la bao a la bim bom ba / La Santa, La Santa, ra ra ra*”. Se alguns rezam e cantam, outros preferem fumar maconha e tomar mescal, um parente mais rústico da tequila. Os fiéis baforam a fumaça e borrifam a bebida nas santas.

Nem só as Flaquitas recebem o “carinho” da massa. Oferecem a estes dois repórteres medalhinhas, balas, chocolates, álcool, fumo e até burritos. Afinal, estamos todos numa grande feira de troca. Troca material e espiritual. Os peregrinos compartilham histórias sobre as graças alcançadas. “A Santíssima foi fundamental para que eu parasse de cheirar e beber”, diz um rapaz. Uma mãe acompanhada pelo filho deficiente credita à Santa a atual boa saúde dele. Um senhorzi-



Aquele que é considerado o altar mais sagrado da Santa Morte, em Tepito; à direita, um fiel com sua própria Flaquita, “customizada”

FOTOS: FELLIPE ABREU





no garante que foi ela a responsável por sua melhora financeira.

Como marca de uma adoração cujo limite é mais flexível do que pressupõe o senso comum, devotos trazem na pele aquela que os protege. São muitos os que ostentam tatuagens do esqueleto que segura uma foice. Um sujeito se aproxima e nos apresenta sua “Santíssima Trindade”: Jesus Cristo desenhado no peito, a Santa Morte na barriga e a filha na costela.

**NA HUMILDE CASA** de número 12 da Calle Alfarería mora Henriqueta Romero, uma das primeiras e mais eficientes propagadoras do culto à Santa Morte. Foi em 2001 que dona Queta deu início ao processo que transformaria seu lar em santuário. O espaço é como se fosse o Vaticano da seita, cuja origem ninguém sabe ao certo. Muitos acreditam ter nascido em pequenas cidades ao longo do Golfo do México. Quando? Cada um fala uma coisa. O fato é que rituais envolvendo a morte existem há milênios no país.

Num só tempo severa e maternal, a senhora de 66 anos comanda as romarias todo dia primeiro e está sempre de olho na imagem feita por ela própria. Exposta na área frontal da residência e protegida por um vidro, sua Flaquita tem 1,80 metro de altura e recebe cuidados de artista: vira e mexe lhe mudam a roupa, a peruca, a maquiagem. Não à toa: num dia co-

mo hoje, boa parte dos 5 mil fiéis que estão por aqui a quer ver de perto. E, para chegar até ela, é preciso enfrentar uma fila cujo fim não se avista do extremo oposto. Sacrifício recompensado pelas bênçãos e por um generoso pedaço de bolo preparado e ofertado por Henriqueta.

Enquanto a fila avança, deparamos com uma cena no mínimo curio-

## RITUAIS QUE ENVOLVEM A MORTE EXISTEM HÁ MILÊNIOS NO PAÍS. MAS NÃO SE SABE A ORIGEM DO CULTO A LA SANTA

sa: dois homens se encaminham, ajoelhados, para o altar. “Curiosa” por causa da fachada e do histórico da dupla: um é careca, musculoso, inteiro tatuado e veste uma regata colada; o outro, franzino, tem traços indígenas, pele marrom e está todo de preto. Ambos vão se arrastando devagarinho, com os olhos cerrados e a cabeça baixa – parecem em transe. Sim, são eles

que, minutos atrás, conversavam sobre uma provável matança como se o assunto fosse uma partida de futebol.

**A FILA PARA O ALTAR** acaba por volta das 7 horas da noite. Do alto-falante, ouve-se o anúncio de que a sessão de preces será iniciada. A multidão silencia. Um homem adentra o espaço que resguarda a Santa e acende um charuto. A imagem é encoberta pela fumaça numa espécie de ritual de purificação. Na sequência, microfone em punho, outro fulano começa os trabalhos: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém”. Todos fazem o sinal da cruz. Então, ele pede permissão a Deus para invocar La Santa Muerte. Os fiéis, em uníssono rezam um Pai Nosso e uma série de orações típicas do culto.

No auge da celebração, as pessoas são convidadas a erguer suas imagens e demais objetos que têm na Flaquita sua razão de ser para que sejam abençoados por Deus e pela “dona Morte”. O que se vê é um singular e emocionado exercício de fé. Quando o ritual acaba, a turba começa a se dissipar. Uma hora depois, um grande grupo insiste em permanecer no local. Dona Queta passa a mão no microfone e avisa a plenos pulmões: “Vão embora. Este é um bairro perigoso e eu não me responsabilizo por assaltos, agressões ou qualquer mal que aconteça a quem fica por aí bebendo até tarde”.

## A SANTA É POP

### A CAVEIRA ASSUSTADORA JÁ APARECEU ATÉ EM *BREAKING BAD*

O culto à Santa Morte não está confinado ao território mexicano. É promovido, também, na Califórnia e em países da América Central, por exemplo. Cada vez mais conhecido, foi parar até na comentada série *Breaking Bad*, que terminou em setembro do ano passado. Na cena que abre a terceira temporada, os sobrinhos do cadei-

rante Hector Salamanca, chefe mexicano do tráfico, recorrem à entidade. No meio de um deserto no México, eles desembarcam de um Mercedes-Benz e, ajoelhados, aproximam-se da imagem de La Santíssima. O que pedem? Bênção e uma forcinha para matar o personagem Walter White, o protagonista da série americana.



FOTO: REPRODUÇÃO